

# As desfolhadas da aldeia

Setembro de 2008

Já lá vão os tempos em que a alegria das desfolhadas marcava o ritmo da vida na azáfama das colheitas, sobretudo no Minho onde o verde predomina realçando a tonalidade da paisagem dos campos matizados com as cores outonais. Durante o dia, principalmente de tarde, enquanto as mulheres, de chapéu na cabeça e fouchinha em punho, cortavam o milho nos campos, os homens, de sogá na mão e habituados à chiadeira do rodeiro dos carros de bois, transportavam-no para junto da eira. E se todo esse movimento já originava um ambiente sadio na aldeia, à noite reinava a alegria que só terminava a altas horas na eira com o bater do pé, e nos encontros amorosos que as desfolhadas proporcionavam aos mais românticos e atrevidotes.

No início da década de noventa, depois de ter caído em desuso, “desfolhada” era já uma palavra estranha para muita gente. Quando em mil novecentos e noventa e quatro a associação “Grupo de Reserva do Património, Cultura e Tradição” organizou a primeira desfolhada tradicional, muitos eram aqueles que não sabiam o que era.

Ultimamente já são em bom número as que por aí se têm apelidado de desfolhadas tradicionais. Mas a sua originalidade..., essa, nem sempre é uma preocupação levada a sério. Organizadas por Juntas de freguesia com um “cheirinho” a política, e por grupos folclóricos ou associações que querem fazer delas uma fonte de receita para as suas economias, é o que também se tem visto por aí. Ao dizer que pretendem com estas iniciativas reviver as tradições e os costumes das nossas gentes, e dar a conhecer aos mais novos o processo da colheita do milho nos tempos que o vento levou, é pena que o façam com interesses económicos e políticos, passando ao lado da genuína cultura popular que é a identidade e a “alma” do nosso povo.

Se queremos conservar a originalidade das nossas tradições e os valores do mundo rural, como é o caso desta importante actividade agrícola afastada pela modernização da agricultura, devemos fazê-lo com um certo cuidado recuando à sua origem, e não repetir em demasia as iniciativas, pois no caso das desfolhadas podemos estar a contribuir ainda mais para o seu afastamento e para a desvalorização da própria palavra.

As desfolhadas eram um dos mais importantes momentos do povo e para o povo na faina das colheitas. Eram feitas em casas de lavoura e não nas sedes de Junta ou no adro das igrejas, à noite à luz da gambiarra ou ao luar e não de tarde. Que o digam aqueles que por lá passavam com interesses amorosos e se escondiam atrás da palha ou nos sítios mais escuros, ainda que fosse só para “tirar palha” como dizia o nosso povo quando o amor não dominava o encontro. Também não se consta que por lá houvesse churrasco na brasa, febras ou petiscos, nem vinho ou cerveja à venda.

Sentados numas tábuas em fila ou em roda, e ao ritmo dos cantares que ecoavam ao longe fazendo os mais ladinos pôr os pés ao caminho para “apanhar” o beijo da rapariga que encontrava a espiga “rainha” e no fim dar um pezinho de dança na eira, lá se desfolhava o milho enquanto os rapazes carregavam com os cestos das espigas ao ombro para a eira ou para o espigueiro, as moças atavam a palha com os “atilhós” dados pelos moços, e os homens faziam altas medas com os feixes ou paveias, tradicionalmente conhecidas por “copas”, lançadas à mão ou na ponta de uma vara pelos mais valentes que, orgulhosos da sua valentia, queriam mostrar-se às raparigas. Feito o serviço ao lavrador reconhecido e respeitado lá na aldeia, que ficava comprometido para a desfolhada do seu amigo de campo, lá vinha a dona de casa e as suas filhas com a bacia da água quente para lavar as mãos, o cesto do pão caseiro e dos biscoitos, a travessa em barro com as sardinhas, a cesta das nozes, a tigela e a infusa do vinho, para toda a gente. Ansiosos por bater o pé, seguia-se então a dança na eira ao som da concertina.

Ao organizar as desfolhadas que os mais velhos guardam com saudade na memória, procuremos retratar e transmitir a sua origem e o seu valor cultural, sem levar a política para a eira nem fazer daquele espaço uma taberna. Só assim, certos da terra que pisamos e do que queremos do mundo rural, é que conseguiremos preservar os costumes e os valores que deram o ser aos nossos antepassados, e que são a razão da nossa existência.

Abílio Araújo - Presidente da Direcção  
Grupo de Reserva do Património, Cultura e Tradição